

Agrupamento de Escolas Leal da Câmara

Peregrinação

Fernão Mendes Pinto



Título: Peregrinação

Autor: Fernão Mendes Pinto

Edição: Agrupamento de Escolas Leal da Câmara

1.^a edição: março de 2014

Adaptação: Carlos Pinheiro

Imagem da capa: Namban folding screen [detail: Portuguese in a Japanese harbour]. Amsterdam, Rijksmuseum Amsterdam.

ISBN: 978-989-8671-42-4

Adaptação dos capítulos 1.º, 14.º, 55.º, 134.º e 214.º, de leitura recomendada para Educação Literária nas Metas Curriculares de Português do Ensino Secundário

Table of Contents

CAPÍTULO I

DO QUE PASSEI EM MINHA MOCIDADE NESTE REINO ATÉ
QUE ME EMBARQUEI PARA A ÍNDIA.

CAPITULO XIV

DO QUE MAIS PASSOU NESTE CASO ATÉ PERO DE FARIA ME
MANDAR A ESTE REI BATA, E DO QUE VI NO CAMINHO

CAPITULO LV

COMO NOS PARTIMOS DESTA ILHA DOS LADRÕES PARA O
PORTO DE LIAMPOO, E DO QUE PASSÁMOS ATÉ
CHEGARMOS A UM RIO QUE SE DIZIA XINGRAU.

CAPÍTULO CXXXIV

DA HONRA QUE O NAUTOQUIM FEZ A UM DOS NOSSOS
PELO VER TIRAR COM UMA ESPINGARDA, E DO QUE DAÍ
SOCEDOU

CAPÍTULO CCXIV

DA GRANDE TORMENTA QUE SOFREMOS INDO DO JAPÃO
PARA A CHINA, E COMO NOS LIVRAMOS DELA POR
ORAÇÕES DESTE SERVO DE DEUS

CAPÍTULO I

DO QUE PASSEI EM MINHA MOCIDADE NESTE REINO ATÉ QUE ME EMBARQUEI PARA A ÍNDIA.

Quando às vezes ponho diante dos olhos os muitos e grandes trabalhos e infortúnios que por mim passaram, começados no princípio da minha primeira idade e continuados pela maior parte e melhor, tempo da minha vida, acho que com muita razão me posso queixar da Ventura, que parece que tomou por particular tenção e empresa sua perseguir-me e maltratar-me, como se isso lhe houvera de ser matéria de grande nome e de grande glória. Porque vejo que não contente de me pôr na minha pátria, logo no começo da minha mocidade, em tal estado que nela vivi sempre em misérias e em pobreza, e não sem alguns sobressaltos e perigos da vida, me quis também levar às partes da índia, onde, em lugar do remédio que eu ia buscar a elas, me foram crescendo com a idade os trabalhos e os perigos.

Mas, por outra parte, quando vejo que do meio de todos estes perigos e trabalhos me quis Deus tirar sempre em salvo e pôr-me em seguro, acho que não tenho tanta razão de me queixar por todos os males passados, quanta de Lhe dar graças por este só bem presente, pois me quis conservar a vida para que eu pudesse fazer esta rude e tosca escritura, que por herança deixo a meus filhos (porque, só

para eles é minha tenção escrevê-la) para que eles vejam nela estes meus trabalhos e perigos da vida que passei no discurso de vinte e um anos em que fui treze vezes cativo e dezassete vendido, nas partes da Índia, Etiópia, Arábia Félix, China, Tartária, Macassar, Samatra, e outras muitas provindas daquele oriental arquipélago dos confins da Ásia, a que os escritores chins, siameses, gueos, e léquios, nomeiam nas suas geografias por «pestana do mundo», como ao diante espero tratar muito particular e muito difusamente. E daqui por uma parte tomem os homens motivo de se não desanimarem c'os trabalhos da vida para deixarem de fazer o que devem, porque não há nenhuns, por grandes que sejam, com que não possa a natureza humana ajudada do favor divino, e por outra me ajudem a dar graças ao Senhor onipotente por usar comigo da sua infinita misericórdia, apesar de todos meus pecados, porque eu entendo e confesso que deles me nasceram todos os males que por mim passaram, e dela as forças e o ânimo para os poder passar e escapar deles com vida.

E tomando por princípio desta minha peregrinação o que passei neste Reino, digo que depois que passei a vida até idade de dez ou doze anos na miséria e estreiteza da pobre casa de meu pai na vila de Montemor-o-Velho, um tio meu, parece que desejoso de me encaminhar para melhor fortuna, me trouxe à cidade de Lisboa e me pôs no serviço de uma senhora de geração assaz nobre e de parentes assaz ilustres, parecendo-lhe que pela valia assi dela como deles poderia haver efeito o que ele pretendia para mim. E isto era no tempo em que na mesma cidade de Lisboa se quebraram os escudos pela morte d'el-rei dom Manuel da gloriosa memória, que foi em dia de Santa Luzia treze dias do mês de Dezembro do ano de 1521, de que eu sou bem lembrado — e doutra cousa mais antiga deste Reino me não lembro.

A tenção deste meu tio não teve o sucesso que ele imaginava, antes o teve muito diferente, porque havendo ano e meio pouco mais ou menos que eu estava no serviço desta senhora, me sucedeu um caso que me pôs a vida em tanto risco que para a poder salvar

me foi forçado sair-me naquela mesma hora de casa, fugindo com a maior pressa que pude.

E indo eu assi, tão desatinado c'o grande medo que levava que não sabia por onde ia, como quem vira a morte diante dos olhos e a cada passo cuidava que a tinha comigo, fui ter ao Cais da Pedra onde achei uma caravela d'Alfama que ia com cavalos e fato de um fidalgo para Setúbal, onde naquele tempo estava el-rei dom João o terceiro, que santa glória haja, com toda a corte, por causa da peste que então havia em muitos lugares dó Reino. Nesta caravela me embarquei eu, e ela se partiu logo. E ao outro dia pela manhã, sendo nós tanto avante como Sesimbra, nos cometeu um francês cossairo e, abalroando connosco, nos lançou dentro quinze ou vinte homens, os quais, sem resistência nem contradição dos nossos, se senhorearam do navio, e depois que o despojaram de tudo quanto acharam nele, que valia mais de seis mil cruzados, o meteram no fundo. E a dezassete que escapámos com vida, atados de pés e de mãos, nos meteram no seu navio, com fundamento de nos levarem a vender a Larache, para onde se dizia que iam carregados de armas que de veniaga levavam aos Mouros.

E trazendo-nos com esta determinação mais treze dias, banqueteados cada hora de muitos açoutes, quis sua boa fortuna que no cabo deles, ao pôr do sol, houveram vista de uma vela, e seguindo-a aquela noite marcados pela sua esteira, como oficiais velhos, práticos naquela arte, foram com ela antes do quarto da modorra rendido, e dando-lhe três surriadas de artilharia a abalroaram muito esforçadamente. E ainda que na defesa houve da parte dos nossos alguma resistência, nem isso bastou para os inimigos deixarem de a entrar, com morte de seis portugueses e dez ou doze escravos.

Era este navio uma fermosa nau de um mercador de Vila do Conde que se chamava Silvestre Godinho, que outros mercadores de Lisboa traziam fretada de S. Tomé com muitos açúcares e escravaria, a qual os pobres roubados, que lamentavam sua desventura,

punham em valia de quarenta mil cruzados. Tanto que estes cossairos se viram com presa tão rica, mudando o propósito que antes traziam, se fizeram na volta de França, e levaram consigo alguns dos nossos para serviço da marinha da nau que tinham tomada. E aos outros mandaram uma noite lançar na praia de Melides, nus e descalços, e alguns com muitas chagas dos açoites que tinham levado. Os quais desta maneira foram ao outro dia ter a Santiago de Cacém, no qual lugar todos foram muito bem providos do necessário pela gente da terra, e principalmente por Uma senhora que aí estava, por nome Dona Britiz, filha do conde de Vilanova e mulher de Alonso Perez Pantoja, comendador e alcaide-mor da mesma vila.

E depois que os feridos e os doentes foram convalescidos, cada um se foi para onde lhe pareceu que teria o remédio de vida mais certo, e o pobre de mi com outros seis ou sete tão desamparados como eu, fomos ter a Setúbal, onde me caiu em sorte lançar mão de mim um fidalgo do Mestre de Santiago por nome Francisco de Faria, ao qual servi quatro anos, em satisfação dos quais me deu ao mesmo Mestre de Santiago por seu moço da câmara, a quem servi um ano e meio.

E porque a moradia que então era costume dar-se nas casas dos príncipes me não bastava para minha sustentação, determinei embarcar-me para a Índia, inda que com pouco remédio, já oferecido a toda ventura, ou má ou boa, que me sucedesse.

CAPITULO XIV

DO QUE MAIS PASSOU NESTE CASO ATÉ PERO DE FARIA ME MANDAR A ESTE REI BATA, E DO QUE VI NO CAMINHO

Pero de Faria depois que leu esta carta do rei dos Batas e entendeu do seu embaixador o negócio a que vinha, o fez agasalhar o mais honradamente que então foi possível. E passados dezassete dias depois que chegara a Malaca, o despediu bem despachado e satisfeito do que viera buscar, porque lhe deu ainda algumas cousas além das que lhe pedira, como foram cem panelas de pólvora e rocas e bombas de fogo, com que se partiu tão contente desta fortaleza que, chorando de prazer, um dia, perante todos os que estavam no tabuleiro da igreja, virando-se para a porta principal dela, com as mãos levantadas, corno quem falava com Deus, disse publicamente:

— Prometo em nome do meu rei a ti, Senhor, poderoso, que com descanso e grande alegria vives assentado no tesouro de tuas riquezas, que são os espíritos formados da tua vontade, que se te praz dar-nos vitória contra este tirano Achem, para que de novo lhe tornemos a ganhar o que ele com tamanha treição e tanta perfídia

nos tomou nos dois lugares de Jacur e Lingau, de sempre com muita lealdade e agradecimento te conhecermos na lei portuguesa da tua santa verdade, em que consiste o bem dos nascidos, e de novo te edificarmos em nossa terra casas limpas de cheiros suaves, onde todos os vivos te adorem com as mãos alevantadas, assi como na terra do grande Portugal se fez sempre até gora. E assi te prometo e juro, com toda a firmeza de bom e leal, que meu rei não tenha nunca outro rei senão este grande português, que agora é senhor de Malaca.

E embarcando-se logo na lanchara em que viera, se partiu, e o foram acompanhando dez ou doze balões até à ilha de Upe que estava dali pouco mais de meia légua, onde o Bendara de Malaca, que é o supremo no mando, na honra e na justiça dos mouros, por mandado de Pero de Faria lhe deu um grande banquete ao seu modo, festejado com charamelas, trombetas e atabales, e com músicas de boas falas à portuguesa, com harpas e doçainas e violas d'arco, que lhe fez meter o dedo na boca, que entre eles é sinal de grandíssimo espanto.

Vinte dias depois da partida deste embaixador, cobiçando Pero de Faria o muito proveito que alguns mouros lhe diziam que naquele reino podia fazer-se em fazendas da índia se as lá mandasse, e o muito mais que poderia tirar do retorno delas, armou uma embarcação das que naquela terra se chamam jurupangos, que são do tamanho de uma caravela pequena, em que por então não quis arriscar mais que sós dez mil cruzados de emprego, com os quais mandou um mouro natural daí de Malaca para os beneficiar. E cometeu-me se queria eu lá ir, porque levaria nisso muito gosto, para sô color de embaixador ir visitar de sua parte o rei dos Batas, e ir também com ele ao Achem, para onde então se estava fazendo prestes, porque quiçá me montaria isso algum pedaço de proveito, e para que de tudo o que visse naquela terra lhe desse verdadeira informação, e se ouvia também lá praticar na Ilha do Ouro porque determinava de escrever a Sua Alteza o que nisso passasse.

Não me pude eu então escusar de fazer o que me ele pedia, inda que algum tanto arreceava a ida, assi por ser terra nova e de gente atraçoada, como porque inda então não tinha mais de meu que sós cem cruzados, por onde não esperava fazer lá proveito. Mas em fim me embarquei na companhia do mouro que levava a fazenda.

E atravessando o piloto daqui de Malaca ao porto de Surotilau, que é na costa do reino de Aarú, velejou ao longo da ilha Samatra por esta parte do mar mediterrâneo, até um rio que se dizia Hicanduré. E navegando mais cinco dias por esta derrota, chegou a uma fermosa baía, nove léguas do reino Peedir, em altura de onze graus, por nome Minhatoley. Daqui cortou toda a travessa da terra (a qual já aqui nesta paragem não é de mais largura que sós vinte e três léguas) até vermos o mar da outra banda do oceano. E navegando por ele quatro dias com tempos bonanças, foi surgir num rio pequeno de sete braças de fundo, que se dizia Guateamgim, pelo qual velejou seis ou sete léguas adiante, vendo por entre o arvoredado do mato muito grande quantidade de cobras e de bichos de tão admiráveis grandezas e feições que é muito para se arrecear contá-lo, ao menos a gente que viu pouco do mundo, porque esta, como viu pouco, também costuma a dar pouco crédito ao muito que outros viram.

Em todo este rio, que não era muito largo, havia muita, quantidade de lagartos, aos quais com mais próprio nome pudera chamar serpentes, por serem alguns do tamanho de uma boa almadia, conchados por cima do lombo, com as bocas de mais de dois palmos, e tão soltos e atrevidos no cometer, segundo aqui nos afirmaram os naturais da terra, que muitas vezes arremetiam a uma almadia quando não levava mais que três, quatro negros, e a soçobravam c'o rabo, e um, e um os comiam a todos, e sem os espedaçarem os engoliam inteiros.

Vimos aqui também uma muito nova maneira e estranha feição de bichos, a que os naturais da terra chamam «caquesseitão», do tamanho de uma grande pata, muito pretos, conchados pelas costas,

com uma ordem de espinhos pelo fio do lombo do comprimento de uma pena de escrever, e com asas da feição das do morcego, c'o pescoço de cobra, e uma unha a modo de esporão de galo na testa, c'o rabo muito comprido pintado de verde e preto, como são os lagartos desta terra. Estes bichos, de voo a modo de salto, caçam os bugios e bichos por cima das árvores, dos quais se mantêm.

Vimos também aqui grande soma de cobras de capelo, da grossura da coxa de um homem, e tão peçonhentas em tanto extremo que diziam os negros que, se chegavam com a baba da boca a qualquer coisa viva, logo em proviso caía morta em terra, sem haver contra-peçonha, nem remédio algum que lhe aproveitasse. Vimos mais outras cobras que não são de capelo, nem tão peçonhentas como estas, mas muito mais compridas e grossas, e com as cabeças do tamanho de uma vitela. Estas nos diziam eles que caçavam também de rapina no chão, por esta maneira: sobem-se em cima das árvores silvestres, de que toda a terra é assaz povoada, e enroscando a ponta do rabo em um ramo se descem abaixo, deixando sempre a presa feita em cima; e posta a cabeça no mato, e com orelha por escuta pregada no chão, sentem com a calada da noite toda a coisa que bole, e em prepassando o boi, o porco, o veado ou qualquer outro animal, o ferram com a boca, e como já tem feita a presa c'o rabo lá em cima no ramo, em nenhuma coisa pregam que a não tragam a si, de maneira que coisa viva lhe não escapa.

Vimos aqui também muito grande quantidade de monos pardos e pretos, do tamanho de grandes rafeiros, dos quais os negros têm muito maior medo que de todos estoutros animais, porque cometem com tanto atrevimento que ninguém lhe pode resistir.

CAPITULO LV

COMO NOS PARTIMOS DESTA ILHA DOS LADRÕES PARA O PORTO DE LIAMPOO, E DO QUE PASSÁAMOS ATÉ CHEGARMOS A UM RIO QUE SE DIZIA XINGRAU.

Depois de sermos todos recolhidos na lanteá e seguros de nos poderem os chins empecer em cousa alguma, nos pusemos a comer muito descansadamente o seu jantar que um velho lhe tinha aparelhado, o qual era dois tachos de arroz com adens e toucinho picado, que então nos foi a todos de muito gosto, segundo o apetite que todos lhe tínhamos.

Depois que acabámos de jantar e demos graças a Deus pela mercê que nos fizera, se buscou a fazenda que vinha na lanteá, e se achou nela seda, retrós, cetins, damascos e três boiões grandes de almíscar, e tudo foi avaliado em quatro mil cruzados, afora uma boa matalotagem de arroz, açúcar, lacões, e duas capoeiras de galinhas, que então se estimaram mais que tudo para convalescerem os doentes, de que ainda havia muitos. E começando uns e outros a

cortar pelas peças sem medo, nos provemos de toda a falta que então tínhamos.

António de Faria vendo um minino que também ali estava, de doze até treze anos, muito alvo e bem-assombrado, lhe perguntou donde vinha aquela lanteá, ou por que causa viera ali ter, cuja era, e para onde ia.

O qual lhe respondeu:

— Era do sem-ventura de meu pai, a quem caio em sorte triste e desaventurada tomardes-lhe vós outros em menos de fia hora o que ele ganhou em mais de trinta anos. O qual vinha de um lugar que se chama Quoamão, onde a troco de prata comprou toda esta fazenda que aí tendes, para a ir vender aos juncos de Sião que estão no porto de Comhay. E porque lhe faltava a água quis sua triste fortuna que a viesse tomar aqui para vós lhe tomardes sua fazenda, sem nenhum temor da justiça do Céu.

António de Faria lhe disse que não chorasse e o afagou quanto pôde, prometendo-lhe que o trataria como filho, porque nessa conta o tinha e o teria sempre.

A que o moço, olhando para ele, respondeu com um sorriso, a modo de escárnio:

— Não cuides de mim, inda que me vejas minino, que sou tão parvo que possa cuidar de ti que roubando-me meu pai me hajas a mim de tratar como filho. E se és esse que dizes, eu te peço muito, muito, muito, por amor do teu Deus, que me deixes botar a nado a essa triste terra onde fica quem me gerou, porque esse é o meu pai verdadeiro, com o qual quero antes morrer ali naquele mato, onde o vejo estar-me chorando, que viver entre gente tão má como vós outros sois.

Alguns dos que ali estavam o reprenderam, e lhe disseram que não dissesse aquilo, porque não era bem dito.

A que ele respondeu:

— Sabeis porque vo-lo digo? Porque vos vi louvar a Deus depois de fartos, com as mãos levantadas e c'os beijos untados, como homens que lhes parece que basta arreganhar os dentes ao Céu, sem satisfazer o que têm roubado. Pois entendei que o Senhor da mão poderosa, não nos obriga tanto a bulir c'os beijos quanto nos defende tomar o alheio, quanto mais roubar e matar, que são dois pecados tão graves quanto depois de mortos conhecereis no rigoroso castigo de sua divina justiça.

Espantado António de Faria das rezões deste moço, lhe disse se queria ser cristão. A que o moço, pondo os olhos nele, respondeu:

— Não entendo isso que dizes, nem sei quê cousa é essa que me cometes. Declara-mo primeiro, e então te responderei a propósito.

E declarando-lho António de Faria por palavras discretas ao seu modo, lhe não respondeu o moço a elas, mas pondo os olhos no céu, com as mãos levantadas disse chorando:

— Bendita seja, Senhor, a tua paciência, que sofre haver na terra gente que fale tão bem de Ti, e use tão pouco da tua lei, como estes miseráveis e cegos, que cuidam que furtar e pregar te pode satisfazer como aos príncipes tiranos que reinam na terra. E não querendo mais responder a pergunta nenhuma, se foi pôr a um canto a chorar, sem em três dias querer comer cousa nenhuma de quantas lhe davam.

Tomando-se então conselho sobre o caminho que dali se faria ou que rota se seguiria, se para o norte, se para o sul, houve sobre isto alguns pareceres bem diferentes, por fim dos quais se assentou que nos fôssemos a Liampoo, que era um porto adiante dali para o norte duzentas e sessenta léguas, porque poderia ser que ao longo da costa nos melhoráramos doutra embarcação maior e mais acomodada a nosso propósito, porque aquela era muito pequena para tão comprida viagem, e com receios de tantas tempestades

quantas causam as lumas novas na costa da China, onde continuamente se perdiam muitos navios.

Com esta determinação demos a vela já quase sol-posto daqui desta ilha, ficando os chins na praia como pasmados, e corremos aquela noite com a proa a lés-nordeste. E sendo já quase menhã havemos vista de um ilhéu que se dizia Guintoo, no qual tomámos uma barcaça de pescadores com muita soma de peixe fresco, da qual tomámos o necessário, com mais oito homens de doze que nela achámos, para nos marearem a lanteá, porque a nossa gente não estava para o poder fazer, por vir muito fraca e debilitada dos trabalhos passados.

E perguntados estes oito pescadores que portos havia por aquela costa até o Chincheo, onde nos parecia que podíamos achar alguma nau de Malaca, nos disseram que dali a dezoito léguas estava um rio muito bom e de bom surgidouro, que se dizia Xinguau, onde continuamente havia muitos juncos que carregavam de sal, de pedra hume, de azeite, de mostarda e de gergelim, no qual bem largamente nos podíamos aparelhar e prover de tudo o de que tivéssemos necessidade. Na entrada do qual estava uma aldeia pequena que se chamava Xamoy, povoada de pescadores e de gente pobre, mas que dali a três léguas pelo rio acima estava a cidade, onde havia muita seda, almizcre, porcelanas, e outras sortes de fazendas que de veniaga se levavam para diversas partes.

Com esta informação nos fomos demandar este rio, onde chegámos ao outro dia à tarde, e surgimos defronte dele obra de uma légua ao mar, por arrecearmos que nossos pecados nos trouxessem aqui alguma desventura como as passadas.

Aquela noite seguinte tomámos um paraó de pescadores, e lhe perguntámos que juncos estavam dentro, quantos eram e que gente tinham, e outras cousas que faziam a nosso caso. A que responderam que lá em cima na cidade haveria obra de duzentos juncos somente, porque os mais eram já partidos para Ainão e Sumbor e Lailoo e

outros portos de Cauchenchina, mas que ali na povoação de Xamoy podíamos estar seguros, onde nos venderiam todo o mantimento que houvéssemos mister. Com isto entrámos para dentro do rio, e surgindo junto da aldeia nos deixámos assi estar obra de meia hora; e seria isto então a meia-noite pouco mais ou menos.

E vendo António de Faria que a lanteá em que vínhamos não era embarcação suficiente para irmos dali a Liampoo, onde tínhamos determinado de ir invernar, assentou com parecer dos mais companheiros e soldados de se prover de outra melhor; e ainda que naquele tempo não estávamos para cometer cousa alguma, todavia a necessidade nos obrigou a fazermos mais do que nossas forças requeriam.

Estava então naquele porto surto um junco pequeno, só e sem haver outro nenhum, o qual tinha pouca gente, e esses que eram estavam então todos dormindo. E vendo António de Faria que era esta boa ocasião para efetuar seu intento, fez logo arriar da amarra, e se igualou com ele, e escolhendo dos vinte e sete soldados que levava os quinze, com mais oito moços, se subiu acima ao convés do junco, sem até então ser sentido de ninguém. E achando nele dormindo seis ou sete chins marinheiros, os mandou atar de pés e de mãos, ameaçando-os que se bradassem os havia de matar a todos, pelo que nenhum deles com medo ousou de falar. E cortando-lhe ambas as amarras com que estava surto, o mais depressa que pôde se fez à vela para fora do rio, e velejando tudo o que restava da noite, sempre co'a proa no mar, foi amanhecer junto de uma ilha que se chamava Pullo Quirim, nove léguas donde tinha partido.

E ajudando-nos Deus com vento fresco de velas cheias, fomos dali a três dias surgir a uma ilha chamada Luxitay, na qual foi necessário para convalescença dos doentes determo-nos quinze dias, assi por ela ser muito sadia e de boas águas, como por algum refresco que pescadores ali nos traziam a troco de arroz.

Ali foi buscado todo o junco, e não se achou nele mais fazenda que arroz somente, que ali no porto de Xamoy se estava vendendo, de que a maior parte se lançou no mar, por ficar o junco mais boiante e menos perigoso para a nossa viagem. E baldeando o fato da lanteá dentro no junco, a varámos em terra para a espalmarmos, por nos ser necessária para fazermos aguadas nos portos onde entrássemos. Nisto gastámos, como já disse, quinze dias nesta ilha, nos quais os enfermos convalesceram de todo. E nos partimos na via do reino de Liampoo, onde tínhamos por novas que havia muita gente portuguesa, que aí era vinda de Malaca, de Çunda, de Sião e de Patane, a qual toda naquele tempo ali costumava de vir invernar.

CAPÍTULO CXXXIV

DA HONRA QUE O NAUTOQUIM FEZ A UM DOS NOSSOS PELO VER TIRAR COM UMA ESPINGARDA, E DO QUE DAÍ SOCEDEU

Logo ao outro dia seguinte, este Necodá chim desembarcou em terra toda a sua fazenda, como o Nautoquim lhe tinha mandado, e a meteu numas boas casas que para isso lhe deram, a qual fazenda toda se vendeu em três dias, assi por ser pouca como porque estava a terra falta dela; na qual este cossairo fez tanto proveito que de todo ficou restaurado da perda das vinte e seis velas que os Chins lhe tomaram, porque pelo preço que ele queria pôr na fazenda lha tomavam logo, de maneira que nos confessou ele que com sós dois mil e quinhentos taéis que levava de seu fizera ali mais de trinta mil.

Nós, os três Portugueses, como não tínhamos veniaga em que nos ocupássemos, gastávamos o tempo em pescar e caçar, e ver templos dos seus pagodes, que eram de muita majestade e riqueza, nos quais os bonzos, que são os seus sacerdotes, nos faziam muito

agasalho, porque toda esta gente de Japão é naturalmente muito bem inclinada e conversável.

No meio desta nossa ociosidade, um dos três que éramos, por nome Diogo Zeimoto, tomava algumas vezes por passatempo tirar com uma espingarda que tinha de seu, a que era muito inclinado, e na qual era assaz destro. E acertando um dia de ir ter a um paul onde havia grande soma de aves de toda a sorte, matou ele coró a munição vinte e seis marrecas. Os Japões, vendo aquele novo modo de tiros, que nunca até então tinham visto, deram rebate disso ao Nautoquim, que, neste tempo, estava vendo correr uns cavalos que lhe tinham trazido de fora; o qual, espantado desta novidade, mandou logo chamar o Zeimoto ao paul onde estava caçando. E quando o viu vir com a espingarda às costas, e dois chins carregados de caça, fez disto tamanho caso que em todas as cousas se lhe enxergava o gosto do que via. Porque, como até então naquela terra nunca se tinha visto tiro de fogo, não se sabiam determinar c'o que aquilo era, nem entendiam o segredo da pólvora. E assentaram todos que era feitiçaria.

O Zeimoto, vendo-os ao pasmados, e o Nautoquim tão contente, fez perante eles três tiros, em que matou um milhano e duas rolas. E por não gastar palavras no encarecimento deste negócio, e por escusar de contar tudo o que se passou nele, porque é cousa para se não crer, não direi mais, senão que o Nautoquim levou o Zeimoto nas ancas de um quartão em que ia, acompanhado de muita gente. E quatro porteiros com bastões ferrados nas mãos, os quais bradando ao povo, que neste tempo era sem conto, diziam:

O Nautoquim, príncipe desta ilha Tanixumaa e senhor de nossas cabeças, manda e quer que todos vós outros, e assi os mais que habitam a terra dentre ambos mares, honorem e venerem este Chenchicogim do Cabo do Mundo, porque de hoje por diante o faz seu parente assi como os facharões que se assentam junto de sua pessoa, sob pena de perder a cabeça o que isto não fizer de boa vontade.

A que todo o povo, com grande tumulto de vozes respondia:

— Assi se fará para sempre.

E chegando o Zeimoto com esta pompa mundana ao primeiro terreiro dos paços, descavalgou o Nautoquim e o tomou pela mão, ficando nós os dois um bom espaço atrás, e o levou sempre junto de si até uma casa onde o assentou à mesa consigo, na qual também, por lhe fazer a maior honra de todas, quis que dormisse aquela noite. E sempre dali por diante o favoreceu muito, e a nós por seu respeito em alguma maneira.

E entendendo assi o Zeimoto que em nenhuma cousa podia melhor satisfazer ao Nautoquim alguma parte destas honras que lhe fizera, nem em que lhe desse mais gosto que em lhe dar a espingarda, lha ofereceu um dia que vinha da caça com muita soma de pombas e de rolas, a qual ele aceitou por peça de muito preço, e lhe afirmou que a estimava muito mais que todo o tesouro da China, e lhe mandou dar por ela mil taéis de prata, e lhe rogou muito que lhe ensinasse a fazer a pólvora, porque sem ela ficava a espingarda sendo um pedaço de ferro desaproveitado, o que o Zeimoto lhe prometeu e lho cumpriu. E como dali por diante todo o gosto e passatempo do Nautoquim era no exercício desta espingarda, vendo os seus que em nenhuma cousa o podiam contentar mais que naquela de que ele mostrava tanto gosto, ordenaram de mandarem fazer por aquela outras do mesmo teor, e assi o fizeram logo. De maneira que o fervor deste apetite e curiosidade foi dali por diante em tamanho crescimento que já quando nos dali partimos, que foi dali a cinco meses e meio, havia na terra passante de seiscentas. E depois, a derradeira vez que me lá mandou o Visorrei Dom Afonso de Noronha com um presente para o Rei do Bungo, que foi no ano de 1556, me afirmaram os Japões que, naquela cidade do Fucheo, que é a metrópole deste reino, havia mais de três mil. E fazendo eu disto grande espanto, por me parecer que não era possível que esta cousa fosse em tanta multiplicação, me disseram alguns mercadores, homens nobres e de respeito, e mo afirmaram com muitas palavras,

que em toda a ilha do Japão havia mais de trezentas mil espingardas, e que, eles somente, tinham levado de veniaga para os Lequios, em seis vezes que lá tinham ido, vinte e cinco mil.

De modo que, por esta só que o Zeimoto aqui deu ao Nautoquim com boa tenção e por boa amizade, e por lhe satisfazer parte das honras e mercês que tinha recebido dele (como atrás fica dito), se encheu a terra delas em tanta quantidade que não há já aldeia nem lugar por pequeno que seja donde não saiam de cento para cima; e nas cidades e vilas mais notáveis não se fala senão por milhares delas. E por aqui se saberá que gente esta é, e quão inclinada por natureza ao exercício militar, na qual se deleita mais que todas as outras nações que agora se sabem.

CAPÍTULO CCXIV

DA GRANDE TORMENTA QUE SOFREMOS INDO DO JAPÃO PARA A CHINA, E COMO NOS LIVRAMOS DELA POR ORAÇÕES DESTE SERVO DE DEUS

Ao outro dia pela manhã, depois de o nosso santo padre, como todos os Portugueses, se ter despedido de El-Rei, o qual nesta despedida lhe fez as honras e o gasalhado que sempre costumava, fomo-nos embarcar e partimos desta cidade de Fucheu, e velejámos pela nossa rota à vista de terra até uma ilha de El-Rei de Minacó, chamada Meleitor; e atravessando daqui com ventos de monção tendente, continuámos o nosso caminho por espaço de sete dias, no fim dos quais o tempo, com a conjunção da lua nova, nos saltou ao Sul, e ameaçando-nos com chuueiros e mostras de Inverno, veio em tamanho crescimento que nos vimos forçados a arribar por fim de roda com a proa ao rumo de Nor-nordeste, por mar incógnito e nunca navegado de nação nenhuma, sem sabermos por onde íamos, entregues de todo ao arbítrio da fortuna e do tempo, com uma tão brava e tão excessiva tormenta qual os homens nunca imaginaram, que nos durou cinco dias; e como em todos eles nunca vimos o Sol, para o piloto saber por que altura caminhava, só pela sua fraca

estimativa, sem conta de graus nem de minutos, foi demandar pouco mais ou menos a paragem das ilhas dos Papuás, Selebes e Mindanaus, que distavam dali seiscentas léguas.

No segundo dia desta tormenta, já sobre a tarde, foi crescendo o mar de escarcéu com vagas tão altas que o ímpeto da nau as não podia romper, pelo que se assentou, por parecer dos oficiais, que as obras do chapitéu e dos castelos de avante se arrasassem até ao andar do convés, para que a nau pudesse assim ficar mais afrontada, e obedecer aos lanços do leme. Feito isto com toda a presteza possível, porque todos, sem escapar nenhum, se ocuparam neste trabalho, tratou-se logo de segurar o batel, o qual com assaz de trabalho foi atracado a bordo, e lhe guarneceram logo um cabo de duas amarras de cairo novas. E porque quando esta obra se acabou já a cerração da noite era muito grande, não foi possível recolher-se à nau a gente que estava nele, pelo que foi forçado aquela noite ficarem lá todos, que foram quinze, dos quais cinco eram Portugueses, e os outros escravos e marinheiros.

Em todos estes trabalhos e infortúnios nos acompanhou sempre este bem-aventurado padre, tanto de noite como de dia, por um lado trabalhando por sua pessoa como cada um dos outros, e por outro animando e consolando a todos de tal maneira que, depois de Deus, ele só era o capitão que nos esforçava, e nos dava alento para não nos rendermos de todo ao trabalho, e nos entregarmos de todo à ventura, como alguns quizeram fazer algumas vezes, se ele não fora. Sendo já quase meia-noite, os quinze que iam no batel deram uma grande grita de «Senhor Deus, misericórdia», e acudindo toda a gente da nau a saber o que aquilo era, viram ao horizonte do mar o batel ir atravessado, porque lhe tinham quebrado os bragueiros ambos com que estava amarrado.

O capitão, com a dor daquele desastre, sem cuidado algum, nem atentar no que fazia, mandou arribar a nau pela esteira do batel, parecendo-lhe que o poderia salvar; mas como ela era má de governo, e acudia devagar ao leme, por causa da pouca vela de que

era ajudada, ficou atravessada entre duas vagas, onde a encapelou uma grande serra por cima da popa, e lhe lançou no convés tamanho peso de água que a teve de todo soçobrada, ao que a gente com uma grande grita que rompia o ar chamou com muita instância por Nossa Senhora que lhe valesse. A isto acudiu muito depressa o padre, que estava então posto de joelhos, debruçado sobre uma caixa na câmara do capitão, e vendo a nau da maneira que estava, e nós pelas amuradas uns sobre os outros, escalavrados os mais deles das capoeiras do convés, disse alto, levantando as mãos ao Céu:

— Ó Jesus Cristo, amores de mi anima, vale-nos, Senhor, pelas cinco chagas que por nós padeceste na árvore da vera Cruz, — e logo naquele breve instante a nau tornou a surdir sobre a vaga do mar, e acudindo-se logo com muita pressa a marear a moneta que ia guarneçada por papa figo ao pé do traquete, prouve a Nosso Senhor que ficou direita, e logo mareada em popa, e o batel desapareceu de todo pela esteira da nau, do que todos ficaram chorando, e rezando pelas almas dos que iam nele.

Desta maneira corremos tudo o que restava da noite com assaz de trabalho, e quando foi manhã clara, em todo o mar quanto alcançava a vista de cima da gávea não aparecia coisa nenhuma senão o escarcéu da tormenta que rebentava em flor; e sendo passada pouco mais de meia hora de dia, o padre, que então estava recolhido na câmara do capitão, veio ao chapitêu onde estavam o mestre e o piloto com mais outros seis ou sete Portugueses, e depois de dar a todos os bons dias, com semblante alegre e quieto, perguntou se aparecia o batel, e foi-lhe respondido que não; e rogando ao mestre que quisesse mandar um marinheiro à gávea para que visse se aparecia de lá de cima, um dos que ali estavam lhe disse que apareceria quando se perdesse outro, ao que o padre, pesando-lhe o que lhe ouvira, respondeu — Ó irmão Pero Velho (que assim se chamava ele), muito pequena é essa fé que tendes! E como? julgais vós por ventura que pode ser alguma coisa impossível a Deus Nosso Senhor? pois eu confio nele, e na sacratíssima Virgem Maria sua mãe, a quem por ele tenho prometido três missas na

bendita casa do Outeiro, em Malaca, que há de permitir que aquelas almas que vão nele se não percam — do que o Pero Velho ficou corrido, e não disse mais palavra nenhuma. Então o mestre, para satisfazer melhor o rogo do padre, foi ele em pessoa com outro marinheiro à gávea, e vigiando de lá de cima por espaço de quase meia hora, disseram que em todo o mar quanto lhes alcançava a vista não aparecia coisa nenhuma, e o padre respondeu-lhes: — Ora descei, pois não há já que fazer.

E chamando-me então para o chapitêu onde ele estava, e ao parecer de todos bem triste, perguntou-me se lhe queria mandar aquecer uma pouca de água para beber, porque trazia o estômago muito desconsolado, a que eu por meus pecados não satisfiz, por não haver fogão na nau, porque se tinha lançado ao mar no dia anterior, quando se alijou o convés no princípio da tormenta. E queixando-se-me ele então que andava muito esvaído da cabeça, e com vágados que lhe davam de quando em quando, respondi-lhe eu: — Não admira andar vossa reverência dessa maneira, pois há três noites que não dorme, e quiçá que nem terá comido, porque assim mo disse um moço de Duarte da Gama.

Ao que ele respondeu: — Certifico-vos que tenho dó dele, por quão desconsolado o vejo, porque esta noite, depois que se perdeu o batel, nunca deixou de chorar por seu sobrinho Afonso Calvo que vai nele com os mais companheiros.

— Eu então, porque vi o padre bocejar muitas vezes, disse-lhe: — Vá-se vossa reverencia encostar um pouco ali naquele meu camarote, e quiçá que repousará,

— o que ele aceitou, dizendo que fosse pelo amor de Deus, e que me pedia muito que mandasse ao meu China que lhe fechasse a porta, e não se fosse dali, para que quando chamasse lhe abrisse, e isto podia ser entre as seis e as sete da manhã, pouco mais ou menos; e, recolhendo-se ao camarote, esteve nele todo o dia até quase sol posto. E acertando eu neste comenos de chamar o China

que estava à porta da banda de fora, para que me desse um púcaro de água, perguntei-lhe se o padre ainda dormia, e ele respondeu-me: — Nunca dormiu, mas está de joelhos, chorando de bruços sobre o catre, — e eu disse-lhe então que voltasse a sentar-se à porta, e que acudisse quando ele chamasse.

Desta maneira estive o padre recolhido na sua oração até quase sol posto, e então saiu do camarote, e dirigiu-se acima do chapitêu, onde todos os Portugueses estavam sentados no chão, por causa dos grandes pendores e balanços que dava a nau; e depois de os saudar a todos perguntou ao piloto se aparecia o batel, e ele respondeu-lhe que por razão natural era impossível deixar de se ter perdido com mares tão grossos como aqueles, e que a supor que Deus milagrosamente o quisesse salvar, todavia já nos ficava a mais de cinquenta léguas. Ao que o padre lhe retorquiui:

— Assim parece naturalmente, mas folgaria eu, piloto, já que nisso se não perde nada, que por amor de Deus quisésseis ir à gávea, ou mandar lá algum marinheiro que de lá de cima vigie todo o mar, para que ao menos nos não fique isto por fazer, — e o piloto disse-lhe que ele iria lá de boa vontade. E, subindo acima, e o mestre com ele, mais para satisfazerem o desejo que viam no padre, do que por lhes parecer que podiam ver alguma coisa como parecia que estava em razão, detiveram-se lá um grande espaço, e por fim afirmaram que em todo o mar não viam coisa nenhuma, do que o padre, ao parecer de todos, ficou assaz triste. E encostando a cabeça no prepau do chapitêu, estive assim com aquela tristeza um pouco, impando como se quisesse chorar, e por fim, abrindo a boca, e tomando fôlego como que desabafando daquela tristeza que tinha, e levantando as mãos ao Céu, disse com lágrimas:

— Jesus Cristo, meu verdadeiro Deus e Senhor, peço-te pelas dores da tua sacratíssima morte e paixão que hajas misericórdia de nós, e nos salves as almas dos fiéis que vão naquele batel, — e tornando com isto a reclinar a cabeça sobre o prepau a que estava encostado deixou-se assim estar como se dormisse coisa de dois ou

três credos, quando um menino que estava sentado na enxárcia começou a gritar, dizendo: — Milagre, milagre, que eis aqui o nosso batel! A esta voz arremeteu toda a gente assim como estava à parte de bombordo, onde o menino gritava, e viu vir o batel, afastado da nau obra de um tiro de espingarda pouco mais ou menos. E espantados todos de tão novo e desacostumado caso, choravam uns com os outros como crianças, de maneira que não havia quem se pudesse ouvir em toda a nau com os urros da gente.

Todos arremeteram então ao padre para se lhe lançarem aos pés, porém ele não o consentiu, e recolheu-se para a câmara do capitão, e fechou-se por dentro para que ninguém lhe falasse. Os companheiros que vinham no batel foram logo recolhidos na nau, com aquele gosto e alvoroço que todos podem entender, e por isso também deixo agora de contar aqui as particularidades deste recebimento, porque são elas mais para se cuidarem do que para se escreverem.

Passando assim aquele pequeno espaço em que a noite se cerrou de todo, que podia ser pouco mais de meia hora, mandou o padre chamar o piloto por um menino, e disse-lhe que louvasse a Deus Nosso Senhor, de quem eram aquelas obras, e mandasse logo fazer a nau prestes, porque aquele temporal não duraria muito. E satisfazendo-se com toda a presteza possível e com muita devoção ao que o padre mandara, prouve a Nosso Senhor que logo de improviso, antes que a verga grande estivesse em cima, e as velas fossem mareadas, a tormenta acalmou de todo, e saltou-nos o vento ao Norte, com o qual por monção tendente seguimos a nossa viagem com muita alegria e contentamento de todos; e este milagre que contei aconteceu a dezassete de dezembro de 1551.